	<p>Universidade Federal de Lavras – Ufla Pró-Reitora de Graduação – PRG Departamento de Estudos da Linguagem – DEL LETRAS PORTUGUÊS - UAB</p>	
---	---	--

ZORAIDE FARIA CARDOSO

**CRÔNICA “PAUSA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS
ATIVIDADES DE LEITURA EM LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

LAVRAS – MG

2021

ZORAIDE FARIA CARDOSO

**CRÔNICA “PAUSA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS ATIVIDADES DE
LEITURA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências
do curso de Letras, para a obtenção
do título de Licenciada.

Prof. Dr. Júlio César Machado
Orientador

**LAVRAS – MG
2021**

Ficha catalográfica

ZORAIDE FARIA CARDOSO

**CRÔNICA “PAUSA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS ATIVIDADES DE
LEITURA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO
MÉDIO**

**CHRONICLE “PAUSA”: A DISCURSIVE ANALYSIS OF READING
ACTIVITIES IN A PORTUGUESE LANGUAGE BOOK IN HIGH SCHOOL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências
do curso de Letras, para a obtenção
do título de Licenciada.

APROVADO em de 25 junho de 2021.

Prof. Dr. Júlio César Machado (UEMG)

Profa. Ma. Jéssica Duarte Souza (UNIFRAN)

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira (UFLA)

Prof. Dr. Júlio César Machado

Orientador

LAVRAS – MG

2021

Deus em primeiro lugar, à minha mãe (sempre presente), às minhas filhas e netos.

AGRADECIMENTOS

Deus em primeiro lugar;

Minhas filhas, genros e netos pela compreensão da ausência, pelo incentivo e companheirismo;

Meus irmãos e sobrinhos pela torcida;

Aos professores, tutores presenciais e tutores à distância que muito colaboraram para o meu crescimento pessoal e intelectual; ´

À Camila Gomes pela dedicação e carinho;

Em especial, ao meu orientador Júlio César Machado.

RESUMO

Todos os textos orais ou escritos, em situação de comunicação social, se dão por meio dos gêneros textuais/discursivos. O gênero crônica apresenta diferentes possibilidades de atuação em sala de aula por ser um gênero híbrido, que perpassa tanto a literatura (poesia) como o jornal. Para a análise do discurso é essencial a maneira em que se dá as condições de produção de sentido e de leitura dos gêneros, textuais. O objetivo deste trabalho é o de analisar a crônica “Pausa” no livro didático “Novas Palavras” no contexto de ensino da Língua Portuguesa em sala de aula, sob a justificativa de que a crônica tem um estilo “próprio” de leitura, interpretação e escrita, o que levanta o problema para se entender a razão do baixo rendimento e até mesmo do silenciamento dos alunos de 1ºano do Ensino Médio. Dessa forma, a metodologia aplicada no estudo será a de partir da materialidade linguística rumo ao processo discursivo das atividades do livro Além disso, propõe-se uma reflexão do gênero textual crônica como recurso didático, aplicado em sala de aula como instrumento da linguagem literária, capaz de motivar o aluno para prática de leitura, interpretação e escrita de textos. Os resultados deste estudo apontam para o silenciamento dos alunos pelo livro didático quando as possibilidades de produção de sentidos são limitadas pela condução dada nas atividades.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Gênero Textual. Atividades de Leitura.

ABSTRACT

All oral and written texts in a situation of social communication are possible through of the textual/discursive genres. The genre Chronicle presents different possibilities to be used in a classroom, because it is hybrid, and because it crosses the Literature (poetry) and the newspapers. To the discourse analysis, the conditions of production of sense are essential to reading activities. The purpose of this research is to analyze the chronicle "Pausa" in the book "Novas Palavras" in the context of Portuguese reading class. The justification is that the chronicle has an "own" style of reading, interpretation and writing, which raises the problem to understand the reason for the low performance and even the silencing of 1st year high school students. Thus, the methodology applied in this study will be from the linguistic materiality towards the discursive process of the book's activities. At first, the discursive analysis of each activity of reading and interpretation of the chronicle "Pausa" will be carried out, pages 17 to 19 of the book "Novas Palavras", it's seeking to understand if the students/readers are silencing for the book. Furthermore, the research proposed a reflection of the chronicle textual genre as a didactic resource, applied in the classroom as an instrument of literary language, capable of motivating the student to practice reading, interpreting and writing texts. The results of this study point to the silencing of students by the book when the possibilities for producing meanings are limited by the conduct given in the activities.

Keywords: Discourse Analysis; Discursive/textual genres; Reading activities

LISTAS DE FIGURAS

:Figura 1 - Esquema proposto por Orlandi (2020, p. 76	31
Figura 2 - Crônica Pausa	33
Figura 3 - Breve Introdução para Interpretação das Atividades	36
Figura 4 - Sobre Mário Quintana	36
Figura 5 - Dos personagens "Razão e Emoção"	37
Figura 6 - Questões de Releitura.....	38
Figura 7 - Questões Relacionadas ao Texto	38

SUMÁRIO

1	Introdução.....	44
2	Pressupostos Teóricos Epistemeológicos da Análise do Discurso. Erro! Indicador não definido.	
2.1	Análise do discurso Erro! Indicador não definido.	
2.2	O discurso..... Erro! Indicador não definido.	
2.4	Noção de sujeito..... Erro! Indicador não definido.	
2.5	Noção de interpretação..... Erro! Indicador não definido.	
2.6	Noção de ideologia..... Erro! Indicador não definido.	
2.7	Noção de silenciamento. Erro! Indicador não definido.	

3 Breve Histórico Sobre o Gênero Textual	Erro!
Indicador não definido.	
3.1 Sobre os gêneros e tipos textuais	Erro! Indicador não definido.
3.2 Crônica	Erro! Indicador não definido.
3.3 Leitura e Análise do Discurso	Erro! Indicador não definido.
4 METODOLOGIA	Erro! Indicador não definido.
5 ANÁLISE	Erro! Indicador não definido.
5.1 Apresentação do livro “novas palavras”	Erro! Indicador não definido.
5.2 O texto “Pausa”	Erro! Indicador não definido.
5.3 O aluno	Erro! Indicador não definido.
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
ANEXOS	36

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela investigação, por meio de análise discursiva, de atividades que envolvessem leitura em aulas de Língua Portuguesa advém da disciplina “Metodologia e Prática docente II” que suscitava a reflexão sobre as práticas docentes e as atividades de leitura literária a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os estudos nessa disciplina e os documentos oficiais que norteiam as práticas docentes possibilitaram perceber que o ensino por meio dos gêneros textuais como, por exemplo, a crônica, podem contribuir para a formação de sujeitos-leitores-críticos.

No entanto, pesquisas realizadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontam que o Brasil ocupa a 55ª e 59ª posição na proficiência de leitura, escrita e interpretação de textos em comparação com outros países latino-americanos.

Assim sendo, o tema do estudo partiu da análise discursiva de 05 (cinco) exercícios de leitura do livro didático “Novas Palavras” que estão localizados no capítulo 01 (um) “Literatura: a arte da palavra”, páginas 17 (dezesete), 18 (dezoito) e 19 (dezenove). Na seção análise de dados, é apresentada a contextualização do *corpus* de modo mais detido.

Assim, lançando mão desses dados, a partir da perspectiva teórico-metodológica proposta por (ORLANDI, 2020, 2013, 2007), da perspectiva de silêncio da mesma autora e das formas de silenciamento em aulas de línguas, investigou-se os processos de silenciamento dos sujeitos e de produção de sentidos que se constitui a partir das atividades de leitura. As questões que norteiam a pesquisa foram desenvolvidas da seguinte forma:

- a) as atividades de leitura permitem que o aluno produza sua própria leitura?
- b) as atividades determinam o modo de produção de leitura do sujeito?
- c) há silenciamento dos sujeitos? Se sim, como ele ocorre?

Os objetivos construídos nessa pesquisa, partem, então, das questões acima descritas. Como objetivo geral, pretende-se analisar, com base numa perspectiva discursiva, as atividades de leitura, em um livro didático, para alunos do 1º ano do Ensino Médio. Já os objetivos específicos do trabalho são: I) situar o leitor no campo da Análise do Discurso; II) versar sobre a leitura, em especial, utilizando crônicas e III)

analisar o exercício do livro didático de forma a explicitar como acontece nele os processos de silenciamento e produção de sentidos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa em que se entende que, a partir da materialidade discursiva no exercício, podemos entender os processos de silenciamento dos sujeitos e de produção de sentidos.

Desse modo, esse trabalho se organiza em quatro seções. Em seguida a essa introdução, apresenta-se ao leitor, os pressupostos teóricos e epistemológicos da Análise do Discurso (AD) bem como alguns conceitos próprios dessa área como: noção de sujeito, ideologia, sentidos, condições de produção, texto, discurso, silêncio e interpretação.

Na terceira seção, é apresentado um panorama histórico do gênero textual crônica, assim como, a leitura Análise do Discurso, linha que orienta esse trabalho.

Na quarta seção, é apresentado o material de análise de forma mais detida. Além disso, é nessa seção em que as atividades de leitura são analisadas de forma a compreender sobre os processos de silenciamento e de produção de sentido.

Por último, são tecidas as considerações finais acerca da análise.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PISTEMOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 Análise do discurso

A AD é uma disciplina de entremeios que estuda, a partir de uma materialidade linguística, as práticas de linguagem, observando, assim, o homem que fala, a palavra em curso (ORLANDI, 2015). À vista disso, os trabalhos em análise do discurso não se esgotam por si só estando sempre aberta a novos estudos e pesquisas, uma vez que se trata de uma disciplina de gestos de interpretação.

A AD é inaugurada no final dos anos sessenta do século passado pelo filósofo da linguagem MICHEL PÊCHEUX. A princípio ela surge em oposição à análise de conteúdo, proposta que visava a compreensão do texto apostando em sua transparência. Entretanto, para a AD a linguagem não é transparente e, portanto, não há um sentido único a ser extraído de um texto. Assim, o que interessa é o “funcionamento da língua para a produção de sentidos” (ORLANDI, 2020, p. 15).

Deve-se ressaltar dois princípios centrais para a teoria do discurso. O primeiro princípio consiste no entendimento antecipado que a ciência dá para a noção de

linguagem e sujeito e, conseqüentemente, as relações existentes entre eles. O segundo princípio, já tratado anteriormente, diz respeito ao fato de a AD ser uma disciplina de “entremeio”, o que significa dizer que ela não reclama uma posição fixa na ciência, uma vez que sua própria base de formação toma de empréstimos contribuições provenientes de diferentes campos do saber, como a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Para ORLANDI (2007 p. 24) as “formas de disciplinas que chamo de entremeio não são, a meu ver, interdisciplinares. Elas não se formam entre disciplinas, mas nas suas contradições, e aí está sua particularidade”.

E, é, nas particularidades, que ocorre entre a análise do discurso e as outras disciplinas que nesse momento faremos o recorte, para entendermos, como é possível se trabalhar aquilo que está registrado na memória do indivíduo como símbolo que produz sentido no momento de interação/interlocução/locução? Em quais contextos a disciplina análise do discurso entende a linguagem discursiva?

No próximo tópico, trataremos de um conceito nodal para a AD, a noção de discurso.

2.2 O discurso

O discurso, é o estudo das atividades diárias do homem, enquanto indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia. Sujeito esse que vive e convive com outros sujeitos, comunicando-se por meio de uma língua, construindo historicamente e produzindo efeitos de sentidos. Cujo objetivo segundo ORLANDI (2021, p. 13) é “observar o homem falando”.

Assim considerando o homem que age, interage e convive, a análise do discurso não trabalha a língua isoladamente, mas considera questões como: quem disse? Como disse? O que foi dito? Sob quais condições? Essas questões see os fatores históricos trazidos por este homem que fala, que produz sentido naquela comunidade, para se comunicar em outras sociedades (ORLANDI, 2020, p.17) afirma que a análise do discurso

[...]- Considera o homem na sua história, levando em conta os processos e condições de produção da linguagem, para estudar a relação entre os sujeitos e a língua que falam, bem como estudar as situações que se produz o dizer.

Dessa forma, o dizer não é aleatório, menos ainda simples mensagem a ser decodificada, ele é produzido em condições de produção. À vista disso, para a AD, essas condições devem ser consideradas, tendo em vista que elas também são

responsáveis pelos efeitos de sentidos produzidos. No próximo tópico, discorreremos sobre essa categoria.

2.3. Condições de produção.

Conforme pontua ORLANDI (2020), as condições de produção do discurso podem englobar, de modo sucinto, os sujeitos e a situação. Contudo, mais que isso, elas também consideram o contexto sócio/histórico, ideológico e o contexto amplo. Esse último é o que ponderam os efeitos de sentidos, a forma como a sociedade se organiza, suas instituições o funcionamento do poder e as vozes de comando e obediência (ORLANDI, 2020). Em outras palavras, o contexto amplo dá sustentação para o dizer e possibilita, ao analista, que este mapeie sobre quais regimes algo é dito.

São fundamentos básicos para uma análise das condições de produção do discurso:

- i – relação de sentido; não há discurso que não se relaciona com outros;
- ii – capacidade de experimentar;
- iii - de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras;
- iv - mecanismo de antecipação; antecipa seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem;
- v – relação de força; o lugar a partir do qual fala o sujeito;
- vi- estes mecanismos de funcionamento do discurso são chamados de formações imaginárias. (ORLANDI, 2020, p. 37 -38).

Nota-se, a partir dos fundamentos que norteiam a análise das condições de produção do discurso, que outra categoria é de suma importância para a AD. O sujeito constitui como categoria central na teoria proposta por Pêcheux (1969) e é sobre ela que nos deteremos no próximo tópico.

2.4 Noção de sujeito

A noção de sujeito na análise do discurso é paradoxal, uma vez que o indivíduo só é reconhecido como sujeito a partir do momento em que é interpelado pela ideologia. A ideologia, segundo Althusser (1988), tem um caráter material. Isso significa dizer que ela vai além do campo das ideias, como intentamos pensar, se materializando em práticas sociais como, por exemplo, quando um sujeito se ajoelha em uma missa, ou um militar entra em posição de sentido. Portanto, por meio do atravessamento da ideologia o sujeito se torna assujeitado e a noção de indivíduo é apagada (ORLANDI, 2020, p. 44).

O sujeito, no entanto, não percebe sua condição de assujeitado, pois ele se concebe como evidência primeira de seu dizer, ou seja, como o autor de suas escolhas e decisões. Desde o início ele é dividido em parte material “sujeito de si (a língua) e sujeito a (história)”. Conforme Orlandi (2020, p. 46) se o sujeito não se submete à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentido. Desta forma, o sujeito discursivo será visto a partir do lugar que ocupa.

Assim, é por meio da interpelação do indivíduo em sujeito ideológico que ocorre o apagamento processual da língua na história permitindo que ela signifique e produza sentido (lá) e a impressão do sujeito de ser autoridade no que diz, tornando esses efeitos ilusórios, pois, nem a linguagem, nem o sentido, nem o sujeito são transparentes eles são processos ideológicos concorrentes.

2.5 Noção de interpretação.

É por meio do questionamento “o que isso quer dizer”? que o homem vai se colocar diante de objetos simbólicos interpretando o sentido ali produzido. Isso porque sem interpretação não há sentido, sendo assim, as ações mobilizadas pela interpretação vão evidenciar o sentido ali produzido, como se já estivesse lá, interpreta e ao mesmo tempo nega a interpretação colocando-a no grau zero Orlandi (2020, p.43). Naturalizando a relação entre o histórico e o simbólico, estabelecendo um mecanismo ideológico de apagamento da interpretação que irá resultar na permuta de uma forma material em outra “construindo transparência”. Dando a ideia de que a linguagem e a história não possuem seu mecanismo espeço e opaco de interpretação e determinação histórico, se apresentando como imutáveis

2.6 Noção de ideologia

A noção de ideologia abordada pela AD, conforme já explicitado neste trabalho, é proveniente dos trabalhos realizados por Louis Althusser (1998). Para o autor, a ideologia tem um caráter material, ou seja, ela se materializa nas práticas dos sujeitos em uma dada sociedade. Além disso, ORLANDI (2007) traduz a ideologia como sendo um efeito de evidência, uma saturação que produz um efeito natural. Nessa perspectiva, a ideologia, cujo caráter é material, aparenta ser algo natural, que sempre esteve lá, como uma evidência óbvia e inquestionável.

Nesse segmento, a ideologia produz a realidade dos sujeitos, visto que há um engodo necessário de evidência em seu funcionamento. Isso acontece pelo fato de a língua ser falha e só ser capaz de produzir sentidos pela sua inscrição na história marcada por diferentes ideologias. Dessa forma, a ideologia não trabalha ocultando a realidade, nem é representativa do mundo, o contrário disso, não existe realidade sem ideologia.

Sendo assim, ORLANDI (2020) reflete sobre a importância da (re) significação da noção de ideologia a partir da linguagem, sendo esta uma relação ideológica, como dito acima o simples fato de não haver sentido vai afirmar que a ideologia está presente. Conforme ORLANDI (2020, p. 44) é a ideologia que constitui o sentido e o sujeito. Dentro da perspectiva deste trabalho, as atividades de leitura, assim como a escola, sujeitam os alunos por meio da língua e da inerência ideológica que ela carrega a partir de sua inscrição social e histórica. Portanto, se há produção de sentido nas atividades de um livro e se a ideologia é a condição para a produção dessa realidade, acredita-se que os alunos devem ser considerados como sujeitos ideológicos e, dessa forma, descreditar atividades de interpretação que apostam na velha pergunta “o que o autor/texto quis dizer?”

Caso contrário, se a pluralidade dos sujeitos não é considerada, eles podem ser silenciados pelas propostas de atividades. O silêncio, assim como a linguagem, significa e interdita. Na próxima seção, compreenderemos um pouco sobre a forma política do silêncio: o silenciamento.

2.7 Noção de silenciamento.

Existem vários tipos de silêncio, e todos nos trazem uma forma diferente de reflexão, ele é cheio de significado e de discernimento. Segundo ORLANDI (2007, p. 27), “quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou

a linguagem para retê-lo”. Sendo assim, a linguagem estabiliza as ações produtoras de sentido, diferentemente, no silêncio, sentido e sujeito se aproximam ou se afastam largamente, e neste aproximar – se e afastar-se, o silêncio pode ser visto historicamente em diferentes perspectivas e maneiras de ser compreendido a partir de suas especificidades.

Para a análise do discurso o silêncio tem sua especificidade simbólica /material e deve ser entendido para podermos “alargar a compreensão” de sua relação com as palavras. As palavras, dentro dessa perspectiva teórica, são vistas como excesso, ao invés da crença comum do silêncio como constante falta. Devemos então compreender que esta relação se torna um laço entre palavras e imagens/ sujeito/sentido. OORLANDI (2007) afirma que

esse laço, assim compreendido, indica-nos que não estamos nas palavras para falar delas, ou de seus ‘conteúdos’, mas para falar com elas. Se podemos passar de palavras para imagem [...] fazemos ainda outra passagem mais radical, passando das palavras para o jogo. É nessa dimensão do significar, como jogo de palavras, em que importa mais a remissão das palavras para as palavras – desmontando a noção de linearidade e a que centra o sentido nos “conteúdos” – que o silêncio faz sua entrada. (ORLANDI, 2007, p. 14-15)

Desta forma o silêncio vai se sustentar em três momentos; no entendimento de que os sentidos são muitos (não “um”), tem efeito do um (sentido literal) e na sua indefinição nas relações das muitas formações discursivas, podendo assim considerar todo discurso, “fala com outras palavras e de outras palavras”. No entanto o silêncio na análise do discurso também pode ser entendido como categorias.

Para a análise do discurso duas categorias de silêncio são essenciais; o silêncio fundante; o silêncio como processo significante, e o silêncio político; o sentido é produzido de um lugar, de uma posição do sujeito ao dizer.

É sobre essa última categoria que vamos nos ater no presente estudo. A política do silêncio, ou silenciamento, é “toda a questão de ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc” (ORLANDI, 2007, p. 29). Dito de outra forma, o silenciamento é a forma política do silêncio, diferente do silêncio fundador, essa forma pode funcionar por meio da censura.

Após esse breve apanhado teórico acerca de alguns dos principais conceitos da análise do discurso, será discutido no próximo tópico um breve histórico sobre o gênero textual/discursivo.

3 BREVE HISTÓRICO SOBRE O GÊNERO TEXTUAL COMO REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

Conforme o dicionário de Análise do Discurso de CHARAUDEAU & MAINGUENEU (2016), o gênero textual, como representação discursiva, tem seu nascimento e desenvolvimento em dois momentos: na antiguidade e na tradição literária.

“*Na Antiguidade* (grifo dos autores) coexistiram dois tipos de atividade discursiva.” (CHARAUDEAU & MAINGUENEU, 2016, p. 1249). A primeira ocorreu na Grécia, no período pré-arcaico, e era o ofício dos poetas que recebiam subsídios para interpretar ora celebrando os heróis, ora interpretando as mensagens enigmáticas enviadas pelos deuses aos humanos. E assim, foram compilados alguns gêneros como o lírico, o épico, o dramático, etc.

A segunda atividade discursiva, segundo os linguistas supramencionados, ocorreu no período da Grécia Clássica como necessidade de gestão das cidades e dos conflitos advindos do comércio. Naquele período, foi mais evidenciado o gênero oral, “fazendo da fala pública um instrumento de deliberação e persuasão jurídica e política.” (CHARAUDEAU & MAINGUENEU, 2016, p. 1249)

“*Na tradição literária* (grifo dos autores), presume-se que os gêneros podem permitir a seleção e a classificação dos diferentes textos literários que pertencem à prosa ou à poesia.” (CHARAUDEAU & MAINGUENEU, 2016, 1249) Para os autores, a seleção e a classificação seguem critérios que não são da mesma natureza: a- “*critério de composição, forma e conteúdo*” (grifo nosso) que servem para, grosso modo, separar os gêneros (poesia, romance, teatro, etc.) com suas ramificações (o soneto, a ode, a balada para a poesia; o épico, por exemplo, para a narrativa e a tragédia, a comédia para o teatro); b- “*critérios de conceber a representação da realidade*” (grifo nosso) cujo objetivo serviu para fundar as Escolas (realista, naturalista) que corresponderam a períodos históricos; c- critérios de “*estrutura dos textos e, particularmente, a sua função enunciativa* (grifo nosso): o fantástico, a autobiografia, o romance histórico, etc” . (CHARAUDEAU & MAINGUENEU, 2016, 1249)

Assim sendo, as classificações do gênero na literatura obedeceram desde a antiguidade vários critérios, mas ao mesmo tempo apresentaram problemas na classificação por serem homogêneos e de estruturas próprias como os teatros do

século XVII bem como heterogêneos a exemplo do fantástico e romance histórico. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016)

Dessa forma, o uso do gênero discursivo proveniente da Antiguidade, era constituído como um instrumento social e na Tradição literária os critérios utilizados serviram, dentre outras coisas, para fundar escolas, a exemplo das escolas literárias. Essas, até os nossos dias, são instrumentos sociais que perpassam, além da vida em sociedade, todas as etapas da vida estudantil do ser humano.

No Brasil, o ensino literário é orientado por documentos normativos como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Abaixo, trataremos das principais diferenças entre gêneros e tipos textuais.

3. 1 Sobre os gêneros e tipos textuais

Existem diferenças entre gêneros textuais e tipos textuais. Os gêneros são textos comuns na rotina dos indivíduos, eles estão presentes no trabalho, na escola, no lazer, no comércio, nos ambulatórios médicos e na ciência. Já os tipos textuais têm a ver com a forma como o texto é organizado, estruturado.

Para MARCURSCHI (2005) os gêneros textuais, escritos ou orais, são intencionais, é neles e a partir deles que nos comunicamos e agimos. Assim, um gênero textual deve ser desenvolvido de acordo com a proposta de comunicação pretendida, uma carta, por exemplo, pode ser escrita por uma pessoa que está de férias na praia e quer contar para uma amiga como foi a viagem, os passeios que está realizando (carta pessoal) ou por um proprietário de loja que pretende fazer uma cobrança (carta comercial), os médicos, por exemplo, usam do gênero receita para prescrever um remédio.

Os gêneros são vários, flexíveis e circulam em diferentes meios de comunicação: impressos como jornais, livros, revistas de publicação científica; orais a exemplo da televisão, rádio; digitais em computadores com uso de internet e constituem estruturas próprias de ser escrito ou falado, sempre conforme a função social comunicativa, bem como os elementos tipológicos que escolhemos para estruturá-los.

O tipo textual, difere do gênero textual na maneira como desenvolvemos este gênero, o tipo normalmente é constituído de: narração, argumentação, exposição,

descrição, injunção suas características têm estruturas próprias para cada tipo textual e o tipo de discurso pretendido. É a partir das estruturas tipológicas que construímos um texto, isto porque cada gênero tem sua particularidade estrutural determinada por uma sequência de elementos linguísticos, que torna o texto mais coeso e heterogêneo, além do que alguns admitem mais de um tipo textual como a carta, a crônica que podem ser narrativas, e ao mesmo tempo receberem estrutura argumentativa.

MARCURSCHI (2005, p.7) reafirma que o “centro do gênero não pode ser a substância nem a forma de discurso, mas a ação em que se realiza” sendo esta ação que qualifica o gênero, muitas vezes definidos por funcionalidade, intenção, e não por formas. Porém não se pode desprezar as estruturas organizacionais das formas, nem a linguagem que dá sentido ao texto.

MARCURSCHI (2005, p.15) aponta ainda que “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia”. Corroborando com o pensamento do linguista brasileiro, trataremos abaixo da crônica como gênero textual-discursivo potencial para uso em aulas de leitura.

3.2 Crônica

Os textos no livro didático de Língua Portuguesa servem para os professores mediarem/ trabalharem em sala de aula os conteúdos próprios da disciplina como a gramática, a sintaxe, a leitura e a escrita de forma a desenvolver junto com os alunos uma sociedade em que todos sejam capazes por meio das palavras (letras) ou de textos literários se tornarem livres (COSSON, 2019).

A crônica é um texto jornalístico e literário. Os textos literários na verdade são o que nomeia a literatura, de acordo com a BNCC (2017, p. 499)

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.

É por meio da imitação com realidade que o autor procura produzir sentido em seu texto de acordo com a condição de produção, seja descrevendo suas experiências com amigos e familiares, conforme o contexto do que se quer dizer e sua relação com

o mundo exterior para *dar sentido ao texto*. “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, 2020, p.28)

O sentido do texto crônica consiste em relatar os fatos cotidianos de forma suave e com humor, nos livros didáticos esses textos têm por objetivo trazer para o aluno o gosto pela leitura, (COSSON 2019, p. 21-22) diz que:

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: [...] Além disso, esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e “divertidos”. Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar [...] No ensino médio, o ensino da literatura limita-se a literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, [...] os textos literários, [...] são fragmentados e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários [...] o conteúdo da disciplina literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes [...]

E é assim que a crônica “Pausa” se apresenta no livro didático “Novas Palavras” um texto curto, “divertido”, que relata a experiência cotidiana do autor, no momento de produção, e que para produzir o sentido pretendido no livro didático, ela tem uma abordagem em uma linguagem (metafórica, retórica) num sistema de (substituição) de uma palavra por outra.

Após o texto, os autores do livro didático “Novas Palavras” trazem um pequeno questionário, com o propósito de fazer uma “releitura” do texto, normalmente, as releituras servem para buscar no texto pequenos detalhes que passou despercebido, ou seja, retomando na memória (interdiscurso) o “já dito” para melhor interpretar o texto.

Para a AD, a leitura do texto tem seus modos próprios que resulta nos gestos de interpretação, segundo ORLANDI (2007, p. 42), “a interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história.”

Assim sendo, abordaremos no próximo tópico sobre a leitura e a análise do discurso.

3.3 Leitura e Análise do Discurso

Para a Análise do Discurso, a leitura tem muita importância e finalidades distintas. De acordo com ORLANDI (2012, p. 54), a primeira finalidade é “mais prática” pois ela fornece para a escola elementos para o ensino de leitura, cujo teor é mais

crítico. Ainda conforme a linguista, a segunda é “menos prática” visto que está relacionada à relevância com que a análise do discurso trata a leitura.

Para a AD, a leitura deve ser produzida a partir de determinadas condições como, por exemplo, a condição sócio histórica. ORLANDI (2012, p. 54) afirma que “toda leitura tem sua história”.

Dessa forma, para a autora (2012) as leituras de um mesmo texto variam de acordo com o tempo e a condição em que foi realizada. Como, por exemplo, os sâncritos sagrados que antes eram lidos como textos religiosos e, hoje, são considerados literatura. ORLANDI (2012) traz ainda como exemplo de variação de leitura as histórias em quadrinho que podem ser escritas como um entretenimento ou um documento a depender da leitura.

Há, conforme ORLANDI (2012), também uma outra variação de leitura considerada como reducionismo e que pode ocorrer nas escolas por meio da classe social; do pedagogismo ou do reducionismo linguístico.

A análise do discurso considera como reducionismo as ações pedagógicas que visam as ações imediatas escolares, atropelando aspectos fundamentais da história e de suas “relações com o conhecimento tal como ele se dá nas instituições do saber e seus programas”. (ORLANDI, 2012, p. 46)

A variação de leitura considerada como reducionismo social na escola, se dá por meio da “distinção de classes”. Essas distinções vêm desde o feudalismo que buscava por meio da dominação manter as diferentes classes sociais separadas. Orlandi (2012, p. 47) diz que essas diferenças são “absorvidas para que haja universalização das relações dominantes”. Caracterizado pelo discurso de igualdade real burguês enquanto se “organiza” a desigualdade. E no pressuposto de que a educação é uma educação de classes, no capitalismo, a diferença vai se dar por meio do conhecimento como compromisso social.

Para a AD, o reducionismo linguístico opõe a decodificação da leitura textual bem como a antecipação do sentido, e não vê o texto como produto, o contrário nesta perspectiva busca observar seu modo de produção e de significação Orlandi (2012, p.49) afirma que

o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentido ao texto. Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção [...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento

privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação.

O entendimento sobre as variações de leitura, sob a perspectiva da análise do discurso, é essencial para adentrarmos, então, na análise dos dados e compreendermos o processo de significação como nos apontou Orlandi nessa seção.

4 METODOLOGIA

O corpus dessa pesquisa será analisado sob a luz da Análise do discurso de vertente francesa, principalmente pelas contribuições teóricas e metodológicas apresentadas por ORLANDI (2007; 2013; 2020). Para a análise, utilizaremos como apoio o esquema apresentado por Orlandi (2020), no qual a autora apresenta uma proposta metodológica que parte da materialidade linguística rumo a desuperficialização do texto, conforme é possível verificar no esquema 1 abaixo

.Figura 1 - Esquema proposto por Orlandi (2020, p. 76

1ª Etapa: Passagem da	Superfície linguística para o	Texto (Discurso)
2ª Etapa: passagem do	Objeto Discursivo para	Formação Discursiva
2ª Etapa	Processo Discursivo	Formação Ideológica

Fonte: Orlandi (2020, p. 76)

Dessa forma, a metodologia aplicada no estudo, em primeiro momento será a análise de cada atividade de leitura e interpretação da crônica “Pausa” páginas 17 a 19 do livro didático “Novas Palavras” dos modos de silenciamento, e reflexão do gênero textual crônica como recurso didático, como instrumento da linguagem literária, capaz de motivar o aluno para prática de leitura, interpretação e escrita de textos, buscando chamar a atenção dos alunos para as formas de linguagem verbal e não verbal, bem como atrair o olhar para as diferentes maneiras de leitura e interação na sociedade. Portanto, o trabalho será realizado numa perspectiva qualitativa.

Para se chegar aos resultados foi feita pesquisa bibliográfica a respeito do tema selecionado os materiais teóricos organizado por ORLANDI (2020, 2013, 2007) que embasam esse artigo.

5 ANÁLISE

5.1. Apresentação do livro “novas palavras”

O livro didático é um grande aliado do professor e dos alunos das escolas públicas, os recebem para trabalharem em sala de aula. Assim escolha da obra para análise foi de ensino da literatura para o 1º ano, dos anos letivos (20a15/2016/2017) organizado por AMARAL et al , com 400 páginas divididos em três (3) partes: literatura, gramática e produção de texto – sendo assim a crônica, objeto de análise do discurso aqui, encontra-se entre as páginas 17 e 19, ou seja, no primeiro capítulo , cujo tema é “literatura a arte da palavra”, e o assunto é arte e literatura sob a premissa de, para cada texto verbal, um texto não verbal simbólico.

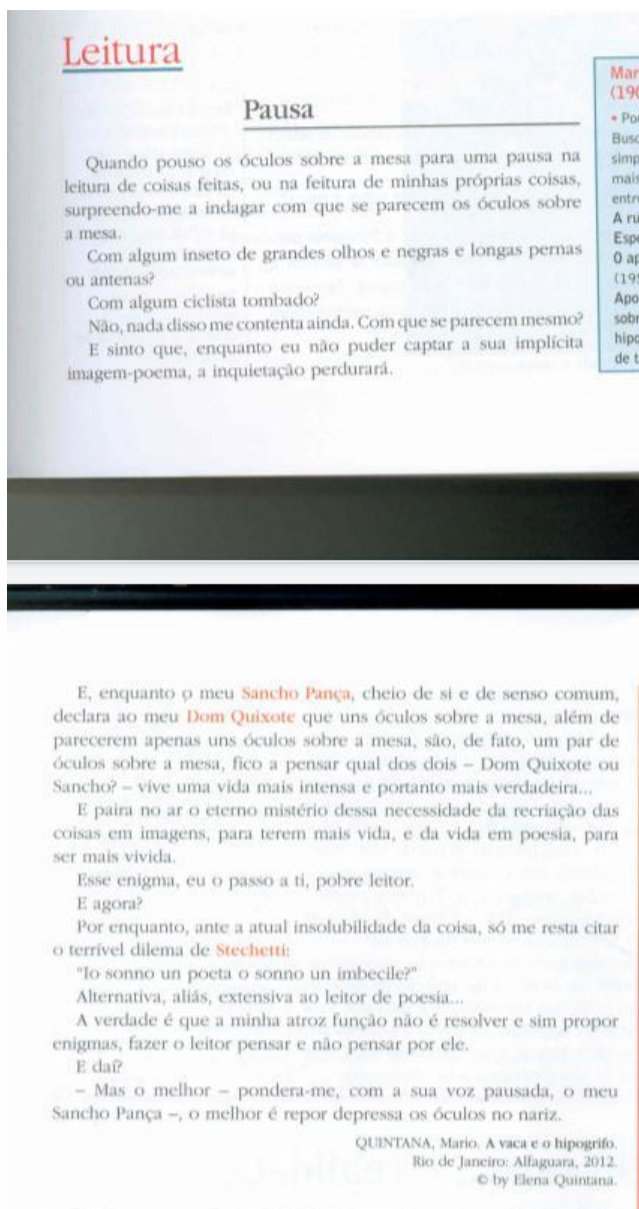
E é assim que o livro didático “Novas Palavras” apresenta aos alunos do 1ºano na modalidade EJA a linguagem literária e suas estruturas, buscando possibilitar ao aluno “enquanto sujeitos capazes de significar a língua na sociedade em que vive”, familiarizar – se com as diferentes linguagens, mediadas pela leitura de textos literários, interpretando-os pelas diversas formas de produção de sentido, esta produção vai variar de acordo com o conhecimento de mundo do sujeito a respeito da leitura.

Segundo COSSON (2019, p.38-40) existem três grupos teóricos sobre leitura e leitores a- “centrado no texto; distinto em dois níveis, letras e palavras ou seja a decodificação dos signos” b- “o leitor como centro da leitura, é o leitor que elabora e testa hipótese sobre o que está no texto” c- “leitor/interação/texto onde o leitor é tão importante quanto o texto para produção de sentido.” Neste momento, o livro “Novas Palavras” será usado para leitura em sala de aula por alunos do Ensino Médio EJA.

A crônica de Mario Quintana, “Pausa”, retrata o momento em que o narrador para por alguns instantes suas tarefas diárias (leitura ou escrita) e começa a divagar, buscando interpretar o sentido dos óculos sobre a mesa. ORLANDI (2007, p. 52) indica que texto é “uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa, e ao significar constrói o sentido” neste sentido a crônica no primeiro capítulo do livro busca introduzir para os alunos a noção de “criação e representação” da literatura procurando trabalhar a linguagem real ou de ficção na literatura intermediada pela interpretação do simbólico EMILIA (2013 (p.17). A palavra óculos no dicionário digital significa “salvaguardar a visão, um acessório para corrigir imperfeições visuais ou uma luneta”, ou seja, os óculos servem para ver além de.

Logo abaixo, na Imagem 1, podemos observar a crônica tal qual ela é apresentada no livro didático:

Figura 2 - Crônica Pausa



Fonte: Livro Novas Palavras (AMARAL et al, 2013, p. 17-18)

5.2 O texto “pausa”

Os textos no livro didático de Língua Portuguesa servem para os professores mediar (trabalhar) em sala de aula os conteúdos próprios da disciplina como a gramática, a sintaxe, a leitura e a escrita de forma a desenvolver junto com os alunos uma sociedade em que todos sejam capazes por meio das palavras (letras) ou de textos literários se tornarem livres (COSSON, 2019).

A crônica é um texto jornalístico e literário. Os textos literários na verdade são o que nomeia a literatura e de acordo com a BNCC (2017, p. 499);

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.

Desta forma antes da apresentação da crônica “pausa” no livro didático “Novas Palavras” os autores, apresentam uma introdução a respeito da forma de criação vivenciada por cada autor na escrita de suas obras fictícias assim;

[...] a obra literária, utilizando a palavra, recria a realidade, a vida. [...] Por outro lado, ela é invenção. O autor cria uma realidade imaginária, fictícia. Por outro, o universo da ficção mantém relações vivas com o mundo real [...] a literatura é imitação da realidade. [...] AMARAL et al. (2013, p. 17)

É por meio da imitação com realidade que o autor procura produzir sentido em seu texto de acordo com a condição de produção, seja descrevendo suas experiências cotidianas, com amigos e familiares, conforme o contexto do que se quer dizer e sua relação com o mundo exterior para dar sentido ao texto. Para (ORLANDI 2020, p. 28) “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.”

O sentido do texto crônica consiste em relatar os fatos cotidianos de forma suave e com humor, nos livros didáticos estes tipos textos têm por objetivo trazer para o aluno o gosto pela leitura, (COSSON 2019, p. 21 - 22) diz que:

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: [...] Além disso, esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e “divertidos”. Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar [...] No ensino médio, o ensino da literatura limita-se a literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, [...] os textos literários, [...] são fragmentados e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários [...] o conteúdo da disciplina literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes [...].

É assim que a crônica “Pausa” se apresenta no livro didático “Novas Palavras” um texto curto “divertido”, que relata a experiência cotidiana do poeta, no momento de produção, e que para produzir o sentido pretendido no livro didático, ela tem uma abordagem em uma linguagem (metafórica, retórica) num sistema de (substituição) de uma palavra por outra.

Após o texto, os autores do livro, trazem um pequeno questionário, com o propósito de fazer uma “releitura” do texto, normalmente, as releituras servem para buscar no texto pequenos detalhes que passou despercebido, ou seja, retomando na memória (interdiscurso) o “já dito”, para melhor interpretar o texto. Para a análise do discurso, a leitura do texto tem seus modos próprios que resulta nos gestos de interpretação segundo ORLANDI (2005) “a interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história”.

As atividades, propostas nas páginas 18 e 19 no livro didático “Novas Palavras” consta de cinco (5) questões abertas como dito acima para uma releitura (interpretação) do texto. Mas para a análise do discurso a interpretação não significa decodificar como na linguística. ORLANDI (2012, p.49) versa a esse respeito que; “esta seria uma forma de reducionismo: o reducionismo linguístico”.

Ao retomar a crônica “Pausa”, antes de adentrar nas atividades propostas pelo livro didático, é possível perceber que os múltiplos efeitos de sentidos que podem ser produzidos pela simples imagem de um par de óculos sobre a mesa é o que se destaca no texto. Além disso, o conflito entre a racionalidade – ver os óculos apenas como óculos - representada pelo Sancho interior, e a pluralidade de sentidos, principalmente por se tratar de um texto literário, ver os óculos como outras coisas além de óculos, representado pelo Dom Quixote interior. O enigma, então, é passado para o leitor que, no nosso caso, são os alunos que terão contato com o texto por meio do livro didático.

Com isso, pode-se dizer que o texto estabelece um diálogo declaradamente aberto com o leitor. O que pode ser percebido pela proposição “Esse enigma, eu passo a ti, pobre leitor”. Dessa forma, o leitor se vê obrigado a pensar sobre o assunto e, mais ainda, a questionar a si mesmo sobre até que ponto um texto literário se refere a literalidade de um par de óculos sobre a mesa e até que ponto ele brinca com a imagem dos óculos para tratar de outros assuntos, a literatura ou a leitura de poesias, por exemplo.

Antes das questões apresentadas pelo livro, um breve parágrafo encabeça as discussões pós-leitura. Como podemos ver na Figura 3 retirada do livro:

Figura 3 - Breve Introdução para Interpretação das Atividades

Nesta pequena crônica, Mario Quintana reflete sobre suas atividades de escritor e de leitor de poesia. O tema do texto é colocado de maneira direta e, aparentemente, até simplista: escrever e ler poesia não é uma grande perda de tempo? E, radicalizando, pergunta com Stechetti: escrever e ler poesia não é uma imbecilidade?

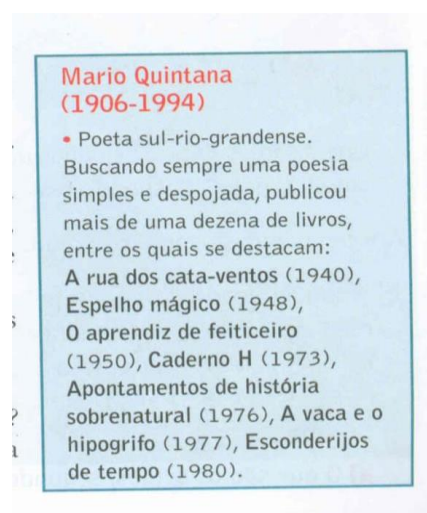
Para fazer as atividades a seguir, releia o texto de Mario Quintana quantas vezes for necessário. Consulte também as informações destacadas nos boxes.

Fonte: Livro Novas Palavras (Amaral et al, 2013, p. 17)

O excerto apresentado na Imagem 1 prepara o aluno para a execução das atividades que virão logo em seguida na seção denominada Releitura. Nesses dois parágrafos, nota-se que uma interpretação prévia do texto é apresentada. Ou seja, o tema do texto é explicado para os alunos de modo que a releitura seja direcionada a essa interpretação. Esse direcionamento, seguido da instrução “releia o texto de Mário Quintana”. Nesse sentido, a primeira leitura do aluno deve ser apenas para que ele conheça o texto e as releituras o direcionem para compreender o texto segundo a proposição apresentada pelo livro.

Além da breve reflexão apresentada na Figura 3 o livro também apresenta alguns boxes que acompanham a crônica para contextualizar e auxiliar a interpretação feita pelos alunos, como é possível observar nas Figuras 4 e 5 a seguir:

Figura 4 - Sobre Mário Quintana



Fonte: Livro Novas Palavras (AMARAL et al, 2013, p. 17)

Figura 5 - Dos personagens "Razão e Emoção"



Fonte: Livro Novas Palavras (AMARAL et al, 2013, p. 17)

A crônica de Quintana foi retirada do livro "A vaca e o Hipogrifo" (2012) e inserida no livro didático para alunos do primeiro ano do ensino médio. As condições de produção do texto a ser lido mudam na medida em que ele é transferido para outro suporte com finalidades específicas. Dessa forma, os boxes oferecem condições que contextualizam a crônica para os leitores que o encontrarão no livro didático, e não no livro de Quintana, ou em um jornal, por exemplo. A imagem 2 apresenta o autor da crônica para o leitor e, ao fazer isso, salienta que sua escrita é "simples e despojada". Essa informação antecipa que o estilo da crônica será simples e despojado, uma vez que o escritor adota essa característica para os textos que produz.

Na imagem 2 mais uma tentativa de didatizar o texto para os alunos é sugerido, dessa vez apresentando as personagens citadas na crônica. O que pode ser questionado a esse respeito é que, mesmo que os alunos nunca tenham ouvido falar em Dom Quixote e Sancho, eles seriam capazes de inferir que a referência da razão e emoção são evocadas no texto? O nome das personagens poderia causar uma inquietação nos alunos e esses poderiam demandar da professora a quem se refere o texto ao citá-los, criando uma discussão na sala que poderia partir da crônica, mas que fugiria do controle do livro. Ou seja, o boxe que apresenta as personagens e o

poeta referenciados na crônica é um artefato que fornece uma resposta para as possíveis perguntas que podem surgir caso ele não esteja ali.

Com isso, observa-se que o deslocamento da crônica para o livro didático é contextualizado por meio desses boxes. Em adição, esse deslocamento não é notado em decorrência dos boxes que buscam preencher as possíveis lacunas que poderiam ser geradas. Portanto, ao mesmo tempo em que os boxes contextualizam a crônica, direcionam a interpretação dela.

Nas próximas Figura 6 e 7, partiremos para as questões relacionadas ao texto:

Figura 6 - Questões de Releitura

Releitura RESPONDA no caderno

1. Quais são as duas atividades que o autor interrompe ao pousar os óculos sobre a mesa? Responda traduzindo o trocadilho do primeiro parágrafo.
2. Que imagens ocorrem ao autor ao contemplar os óculos sobre a mesa?
3. A inquietação provocada pela necessidade de captar a “imagem-poe-
ma” dos óculos leva o autor a pensar em sua profissão de escritor e
de poeta. Mais ainda, leva-o a pensar na função da poesia. Seu **senso
comum** (Sancho Pança) entra em conflito com o seu **senso poético** (Dom
Quixote).

a) O que são os óculos, segundo o senso comum?

Senso comum – saber informal, adquirido de forma natural, da experiência cotidiana, da vida, diferentemente do saber formal científico, que requer longo processo de aprendizagem escolar.

Senso poético ou **artístico** – maneira especial e original de ver a realidade.

Fonte Livro Novas Palavras (AMARAL et al, 2013, p. 18)

Figura 7 - Questões Relacionadas ao Texto

b) Segundo o autor, por que existe em nós a necessidade de recriar as coisas e a vida em imagens?

c) O autor consegue explicar essa necessidade?

4. Diante da “insolubilidade da coisa”, o autor resolve passar o problema para o leitor. Segundo ele, qual é a função do poeta?

5. “... o melhor é repor depressa os óculos no nariz.” Qual é o significado desse conselho?

T U R A

Fonte: Livro Novas Palavras (AMARAL et al, 2013, p. 19)

A primeira questão, primeiro parágrafo do texto, os alunos devem responder, traduzindo o trocadilho, “na leitura de coisas feitas, ou na leitura de minhas próprias coisas” historicamente este é um jogo de expressão que nos permite dar mais de uma interpretação ao texto, o autor estava lendo outros autores? “coisas feitas”, ou revisando o que já havia escrito? O que se pode perceber nesta questão é uma abertura para a interpretação e construção de sentido no texto, a análise do discurso não tem a interpretação como um ponto fixo, ou seja, ali estacionado e pronto, “ela

trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”, desta forma a primeira questão será para os alunos o início do entendimento do texto e ao mesmo tempo de silenciamentos. Porque os trocadilhos às vezes podem confundir o aluno.

A segunda questão reflete sobre a imagem dos “óculos”, o autor da crônica “pausa” faz analogia a palavra “óculos” com “insetos e ciclista tombado”. Talvez por já estar muito cansado, o poeta buscasse inspiração nos “óculos” sobre a mesa para escrever. O “inseto assim como o ciclista tombado” poderia ter formas análogas a um “grilo” por exemplo, nas duas primeiras questões ocorre o que Orlandi (2020, p. 42) vai chamar de “transferência”, a troca de uma expressão, por outra, para dar sentido ao texto, a partir daquilo que o autor tem na memória (simbólico,).

Ainda refletindo a imagem sobre a mesa (os óculos) a terceira questão tem três (3) subquestões letras A, B e C. na letra A os alunos tem a oportunidade de demonstrar seu conhecimento prévio (senso comum) respondendo, “o que são óculos?”, ou seja os óculos na realidade tem uma função na vida do sujeito. A de materialidade simbólica, ou seja, ideologicamente os óculos vai se constituir em “matéria real” para produzir sentido, ORLANDI (2020)

Em B a reflexão é sobre a” necessidade que o poeta tem de recriar a vida em imagens”, na análise de discurso o uso das imagens vai dar suporte a imaginação para que ocorra condição de produção por meio de um jogo que constitua sentido entre a imagem e as palavras. (ORLANDI, 2020, p. 38).

Na subquestão C a pergunta vai se referir à resposta do autor sobre a pergunta B.

Ora este é um processo de interação entre autor e aluno no processo de leitura, e esse é um processo de antecipação, conforme ORLANDI (2020, p. 38) se fizermos intervir, a antecipação esse jogo fica mais complexo.

O quarto exercício dá continuidade as questões acima refletem sobre “a função do poeta”, no que o autor vai responder que sua “função é propor enigmas e não as resolver” desta forma pode – se deduzir que nesta questão há um reducionismo o reducionismo social.

O quinto exercício já traz uma reflexão um pouco diferente abordando o retorno as atividades interrompidas no primeiro parágrafo.

Portanto o símbolo óculos, no texto, pode representar um dizer que não está claro, incompleto, falta algo para dar sentido, significar, de acordo com

ORLANDI (2020, p. 35) a “incompletude é a condição da linguagem” conquanto para que a linguagem produza sentido em uma sala de aula é necessário que professores e alunos trabalhem em conjunto no dia a dia, mas existe uma dificuldade entre motivada pelo “controle teórico” em sala de aula exercido pelo docente, que por sua vez acredita na verdade ideológica trazida pelo livro didático o que na maioria das vezes serve para silenciar o aluno deixando desinteressado da aula. (CORACINI,1995)

5.3 O aluno

Como visto acima, na análise do discurso a ideologia é que vai constituir o sentido e o sujeito. Em uma sala de aula tanto professor como aluno são sujeitos (sujeito de, e sujeito a). Para a análise do discurso existem mecanismos para evidenciar os sujeitos, que é por meio da interpelação, seja por assujeitamento ou pelo esquecimento. Nesta perspectiva, na sala de aula, o aluno será interpelado sua leitura e pela forma “de interpretação e de dar e sentido aos textos considerando sua “condição de sujeito ideológico”. Para Orlandi (2020, p.44), as leituras de um mesmo texto variam de acordo com o tempo e a condição em que a leitura foi realizada além das diferentes variações como os tipos de discursos e de textos.

Dessa forma, o aluno em sala de aula ocupa um lugar de obediência e, como tal, ele traz sua bagagem (nem sempre ideal) de conhecimento/ensino/aprendizagem, seja nas aulas de Língua Portuguesa ou em outras disciplinas por meio das práticas pedagógicas de leituras e interpretação de textos dentro e fora da sala de aula. E, é, a partir daí do conhecimento já construído é que o sujeito vai ser interpelado através das leituras propostas no livro didático e respondendo aos questionamentos ou as atividades. Prevalecendo a leitura do professor e ou do livro didático. (CORACINI,1995)

Neste sentido as questões propostas no livro didático servem não só para retomar detalhes, mas também para se conhecer as marcas deixadas pelo autor que possibilite um outro debate são as explicações nas laterais direitas do livro, que muitas vezes complementam dos textos.

A análise do discurso busca trazer-nos o entendimento de como a condição de produção vai nos fazer compreender como os sentidos são construídos na leitura dos textos assim como o sujeito leitor (aluno) pode ser silenciado em sala de aula a partir de sua historicidade. No caso da crônica “Pausa”, ela é um texto curto de leitura rápida e assunto diríamos de “entretenimento”, para uso em sala de aula de turmas do EJA,

ora, esta seria uma aula muito dispersa, por conta do uso metafórico das palavras. Senão, vejamos a segunda questão, os óculos se parecem com “inseto de grandes olhos e negras e longas pernas” este é um jogo de palavras para se construir um sentido ao texto a partir do símbolo, sendo também um artifício pedagógico de interpretação em que se espera o mínimo de conhecimento do aluno; ou seja “uma leitura razoável” e que ORLANDI (2012, p. 46) assim descreve

isso conduz ao tratamento da leitura apenas em termos de estratégias pedagógicas exageradamente imediatistas[...] na perspectiva imediatista, as soluções propostas colocam à disposição do aluno apenas mais um artefato escolar pronunciadamente instrumental.

Desta forma conclui-se que o silenciamento ocorre tanto na relação aluno/ professor enquanto sujeito em sala de aula, como nas formas de apresentar o texto num livro didático. Talvez fosse interessante que as escolas, buscando mais qualidade nas leituras, dessem aos professores e alunos um tempo maior para se organizarem em sala de aula proporcionando uma boa condição de produção leitora, por meio de uma dinâmica transformadora. Por falta de uma leitura mais abrangente este estudo deve ser revisto em uma outra ocasião para melhor entendimento das condições de produção de sentido nas leituras e como o aluno pode ser silenciado em sala de aula ou fora dela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A presente pesquisa objetivou analisar, a partir dos pressupostos teóricos da análise do discurso de vertente francesa e de contribuições de autores como COSSON (2019) e MARCURSCHI (2005), as atividades de leitura propostas no livro didático “Novas Palavras” (AMARAL et al., 2013). Nesse sentido, foi escolhida a atividade de leitura do texto “Pausa”, de Mário Quintana.

Os gêneros textuais são textos, que circulam todos os dias em nosso trabalho, na escola, nos ambulatórios e tem como única função a comunicação social, uma vez que é a partir dos gêneros, que temos notícias da família e do mundo em tempo real através das tecnologias digitais como computadores, além de termos acesso a tudo que acontece no mundo científico, político.

O discurso é tudo aquilo produzido pelo homem, para dar sentido ao que foi dito, procurando entender a língua nas produções simbólicas, sociais e criativas, com base na produção da linguagem e de dizer, materializada pela ideologia, e na ideologia, constitutiva do homem interpelado pela sua história para significar e

significar-se, seja na forma de interpretação pressuposta na análise do discurso ou da linguagem produzida nos textos verbais e não verbais para produzir significativos sentidos.

É a partir da linguagem textual que podemos perceber como o sujeito é interpelado e silenciado em sala de aula, pressupondo sua condição social, a ideologia e sua historicidade

A análise aqui realizada demonstrou que o livro didático interpela o aluno de modo a fornecer de antemão a forma como a crônica deve ser interpretada. As evidências dessa interpelação acontecem, em especial, pela condução das atividades, não somente às cinco questões encontradas na seção “Releitura”, mas também pela presença dos boxes e do texto pós-leitura que encabeça a seção.

Sendo assim, o aluno/leitor tem suas possibilidades de interpretação cerceadas pelo direcionamento que o livro dá para a execução das atividades. O que resta ao professor é buscar, antes de partir para o pragmatismo das atividades, conhecer as experimentações que os alunos tiveram ao ler o texto. Em outras palavras, o que pode ser feito para evitar o “esmagamento” das subjetividades dos alunos é, antes de iniciar as atividades, questionar os efeitos de sentidos causados pela leitura da crônica.

Este trabalho é um pontapé inicial para futuras pesquisas que intentam em observar o ensino de leitura literária nos livros didáticos, instigando que esse ensino não reduza a capacidade dos alunos/leitores de produzirem sentidos múltiplos, pautados em suas próprias experiências de mundo e como leitores. Dessa forma, reconhece-se a necessidade de mais pesquisas voltadas para essa temática.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

AMARAL, E [et. al]. **Novas Palavras**: 1º ano. 2ª ed. São Paulo, SP: FTD, 2013.

CORACINI, M; J. **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

COSSON, R. **Letramento Literário teoria e Prática**. 2ª.ed. São Paulo, SP. Contexto, 2019.

MARCURSCHI, A; L. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**.

Disponível em
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcurschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf>: acesso em: 03/07/2019.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas, SP. Pontes, 2020.

_____. **As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP, 2007.

_____. **Discurso e Leitura**. 9ª ed. São Paulo, SP. Cortez, 2012.

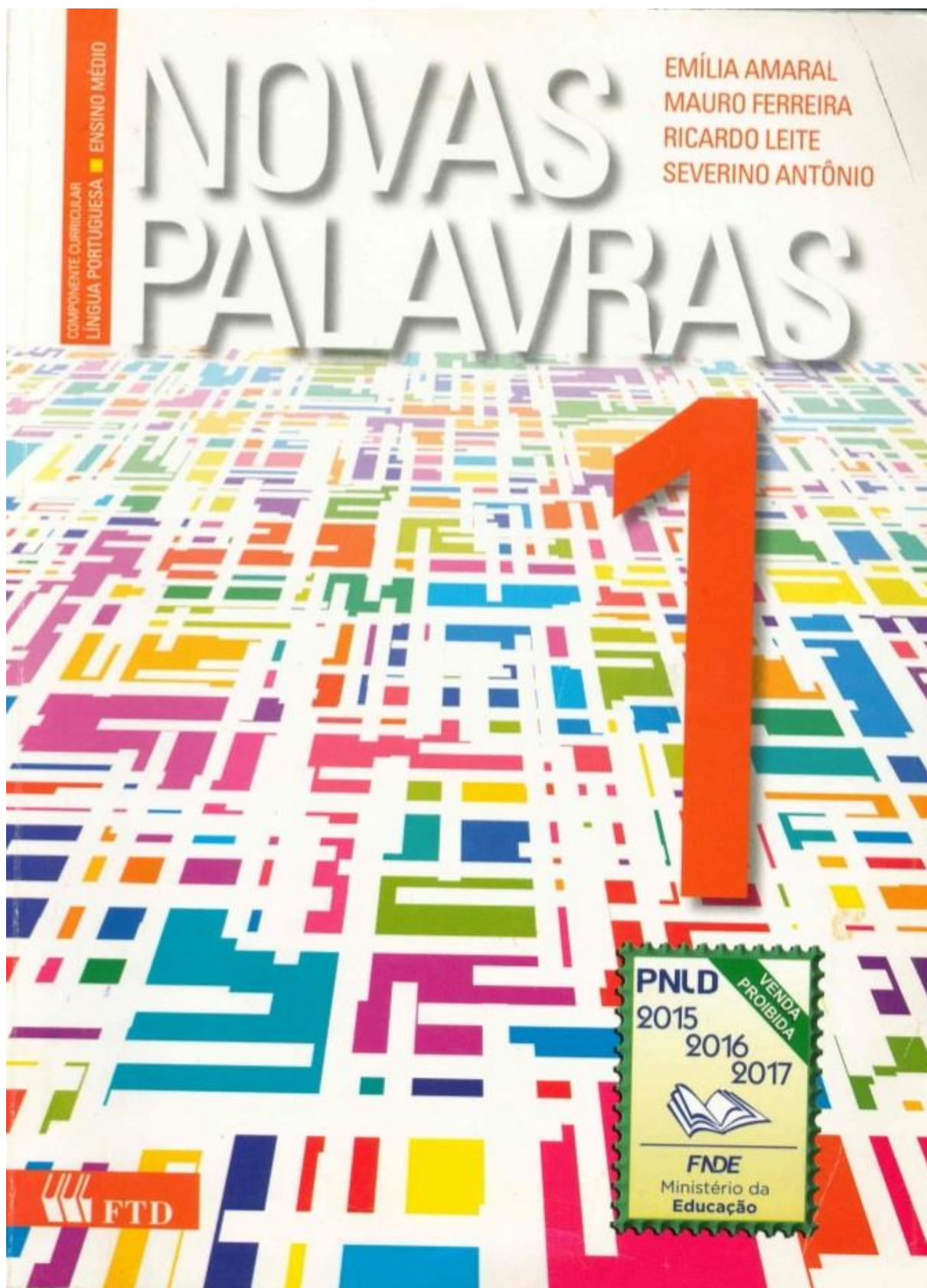
_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Pontes: Campinas: SP, 2013.

<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/681/1/KOTTWITZ.pdf>: acesso: 10/ 03/ 2021..

<<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/significado-de-conto-e-cronica/28393>> acesso: 27/03/2021.

ANEXOS

LIVRO DE ATIVIDADES DIDÁTICA PARA O CORPUS



NOVAS PALAVRAS

Copyright © Emilia Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio,
Ricardo Silva Leite, Severino Antônio Moreira Barbosa, 2013
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP
CEP 01326-010 Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: ensino.medio@ftd.com.br

Diretora editorial

Silmara Sapiense Vespasiano

Editora

Juliane Matsubara Barroso

Editora adjunta

Angela C. Di Cesare M. Marques

Editoras assistentes

Caroline Soudant
Lilian Ribeiro de Oliveira
Roberta Vaiano

Assistentes de produção

Ana Paula Iazzetto
Lila Pires

Assistente editorial

Gislene Aparecida Benedito

Supervisora de preparação e revisão de textos

Sandra Lia Farah

Preparadora

Veridiana Maenaka

Revisores

Carina de Luca
Daniella Haidar Pacifico
Desirée Araújo S. Aguiar
Francisca M. Lourenço
Giseli Aparecida Gobbo
Júlia Siqueira e Mello
Juliana Cristine Follí Simões
Juliana Rochetto Costa
Lilian Visman Carvalho
Maiara Andréa Alves
Pedro Henrique Fandi

Coordenador de produção editorial

Caio Leandro Rios

Editora de arte

Tania Ferreira de Abreu

Projeto gráfico

Andréia Crema
Tania Ferreira de Abreu

Capa

Tania Ferreira de Abreu

Foto de capa

Digital Vision/Getty Images

Iconografia

Supervisora
Célia Rosa

Pesquisadoras

Etoile Shaw
Graciela Naliati
Odete Ernestina Pereira

Editoração eletrônica

Diagramação
Claudia da Silva
Herbert Tsuji da Silva
Sonia Maria Alencar

Tratamento de imagens

Ana Isabela Pitthan Maraschin
Eziquiel Racheti
Vânia Aparecida Maia de Oliveira

Gerente executivo do parque gráfico

Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas palavras : 1.º ano / Emilia Amaral... [et al.].
– 2. ed. – São Paulo : FTD, 2013.

Outros autores : Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo
Silva Leite, Severino Antônio Moreira Barbosa

Componente curricular: Língua Portuguesa

ISBN 978-85-322-8477-8 (aluno)

ISBN 978-85-322-8478-5 (professor)

1. Português (Ensino médio) I. Amaral, Emilia.
II. Patrocínio, Mauro Ferreira do. III. Leite, Ricardo Silva.
IV. Barbosa, Severino Antônio Moreira.

13-03930

CDD-469.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Ensino médio 469.07

- Os textos literários são obras de arte e, portanto, possuem valores intrínsecos (valores ligados ao próprio texto, como objeto artístico). Assim, na obra literária, o **como** (a forma, a linguagem) é tão importante quanto o **quê** (o que o texto diz, o conteúdo referencial). Nem mesmo podemos separar a forma do conteúdo. Você viu que a separação das sílabas, formando, cada uma, um verso (forma), já é conteúdo, ou seja, uma imagem concreta das andorinhas pousadas nos fios e das notas musicais grafadas na pauta. Se desmanchásemos os versos, as palavras continuariam as mesmas, mas a imagem visual das andorinhas desapareceria. O poema perderia grande parte de sua força expressiva: "Nos fios tensos da pauta de metal, as andorinhas gritam por falta de uma clave de sol".
- Os autores buscam uma linguagem **conotativa, plurissignificativa**. "Clave de sol", além de se referir ao símbolo de notação musical, sugere também o Sol, sua luminosidade e seu calor. Essa concentração de significados e sugestões intensifica a expressividade do texto, que não se dirige apenas à inteligência do leitor, mas também à sua sensibilidade, sua afetividade e sua imaginação.

Conotação – conjunto de sugestões que uma palavra agrega ao seu sentido literal (denotativo), por associações linguísticas (sonoras, estilísticas, semânticas ou apenas contextuais).

Exemplo: pauta de metal = pentagrama de metal (denotação) = fios elétricos (extensão de significado, conotação).

Plurissignificação (ou polivalência) – multiplicidade de referências da palavra em um contexto. O sentido brota da tensão entre os diferentes significados. Exemplo: sol = símbolo musical; Sol (o astro) = luz, calor.

Literatura e realidade

Como vimos, a obra literária, utilizando a palavra, recria a realidade, a vida. Essa definição focaliza dois aspectos opostos, mas complementares, da arte literária: a criação e a representação.

Por um lado ela é **invenção**. O autor cria uma realidade imaginária, fictícia. Por outro, o universo da **ficção** mantém relações vivas com o mundo real. Nesse sentido, a literatura é **imitação da realidade**.

Frequentemente os autores utilizam fatos de suas vidas como matéria de literatura. São as chamadas obras confessionais. Mesmo nesses casos extremos, os textos não devem ser entendidos como simples biografias. Os fatos pessoais são apenas parte da matéria literária, o ponto de partida. Entre o que o autor viveu ou sentiu e a obra existem todas as mediações da invenção, da imaginação. Existe, sobretudo, o trabalho criativo com a palavra.

Leitura

Pausa

Quando pouso os óculos sobre a mesa para uma pausa na leitura de coisas feitas, ou na feitura de minhas próprias coisas, surpreendo-me a indagar com que se parecem os óculos sobre a mesa.

Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou antenas?

Com algum ciclista tombado?

Não, nada disso me contenta ainda. Com que se parecem mesmo?

E sinto que, enquanto eu não puder captar a sua implícita imagem-poema, a inquietação perdurará.

Mario Quintana
(1906-1994)

• Poeta sul-rio-grandense. Buscando sempre uma poesia simples e despojada, publicou mais de uma dezena de livros, entre os quais se destacam: *A rua dos cata-ventos* (1940), *Espelho mágico* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Caderno H* (1973), *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *A vaca e o hipogrifo* (1977), *Esconderijos de tempo* (1980).

E, enquanto o meu **Sancho Pança**, cheio de si e de senso comum, declara ao meu **Dom Quixote** que uns óculos sobre a mesa, além de parecerem apenas uns óculos sobre a mesa, são, de fato, um par de óculos sobre a mesa, fico a pensar qual dos dois – Dom Quixote ou Sancho? – vive uma vida mais intensa e portanto mais verdadeira...

E paira no ar o eterno mistério dessa necessidade da recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida.

Esse enigma, eu o passo a ti, pobre leitor.

E agora?

Por enquanto, ante a atual insolubilidade da coisa, só me resta citar o terrível dilema de **Stechetti**:

"Io sonno un poeta o sonno un imbecile?"

Alternativa, aliás, extensiva ao leitor de poesia...

A verdade é que a minha atroz função não é resolver e sim propor enigmas, fazer o leitor pensar e não pensar por ele.

E daí?

– Mas o melhor – pondera-me, com a sua voz pausada, o meu Sancho Pança –, o melhor é repor depressa os óculos no nariz.

QUINTANA, Mario. *A vaca e o hipogrifo*.

Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

© by Elena Quintana.

Nesta pequena crônica, Mario Quintana reflete sobre suas atividades de escritor e de leitor de poesia. O tema do texto é colocado de maneira direta e, aparentemente, até simplista: escrever e ler poesia não é uma grande perda de tempo? E, radicalizando, pergunta com Stechetti: escrever e ler poesia não é uma imbecilidade?

Para fazer as atividades a seguir, releia o texto de Mario Quintana quantas vezes for necessário. Consulte também as informações destacadas nos boxes.

Releitura

RESPONDA
no caderno

1. Quais são as duas atividades que o autor interrompe ao pousar os óculos sobre a mesa? Responda traduzindo o trocadilho do primeiro parágrafo.
2. Que imagens ocorrem ao autor ao contemplar os óculos sobre a mesa?
3. A inquietação provocada pela necessidade de captar a "imagem-poesia" dos óculos leva o autor a pensar em sua profissão de escritor e de poeta. Mais ainda, leva-o a pensar na função da poesia. Seu **senso comum** (Sancho Pança) entra em conflito com o seu **senso poético** (Dom Quixote).
 - a) O que são os óculos, segundo o senso comum?

Dom Quixote e Sancho Pança

– personagens da novela **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes, escritor espanhol do século XVI. Os dois personagens representam os dois lados da alma e do comportamento de todo ser humano: Dom Quixote é o símbolo do idealismo, do sonho, da imaginação, do espírito de aventura; Sancho Pança, do realismo, do espírito prático, dos interesses imediatos.

Stechetti – pseudônimo do escritor italiano Olindo Guerrini (1845-1916), autor da frase "Io sonno un poeta o sonno un imbecile?" (Eu sou um poeta ou sou um imbecil?).

Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista [...].

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 2000. p. 6.

Senso comum – saber informal, adquirido de forma natural, da experiência cotidiana, da vida, diferentemente do saber formal científico, que requer longo processo de aprendizagem escolar.

Senso poético ou **artístico** – maneira especial e original de ver a realidade.

- b) Segundo o autor, por que existe em nós a necessidade de recriar as coisas e a vida em imagens?
- c) O autor consegue explicar essa necessidade?
4. Diante da "insolubilidade da coisa", o autor resolve passar o problema para o leitor. Segundo ele, qual é a função do poeta?
5. "... o melhor é repor depressa os óculos no nariz." Qual é o significado desse conselho?

Resumindo o que você estudou

Neste capítulo vimos que é muito difícil responder às perguntas: **O que é arte? O que é literatura?** Embora não possamos dar respostas totalmente satisfatórias, podemos refletir sobre elas e atingir alguma compreensão dessas atividades humanas tão complexas.

- A arte é feita em toda parte; portanto, ela é uma atividade essencial para o ser humano.
- A arte é uma **atividade estética** (que diz respeito ao **belo**) e possui **valores intrínsecos** (valores referentes ao próprio objeto artístico).
- Literatura é arte. Portanto, é uma atividade estética, com valores intrínsecos. A obra literária diferencia-se das obras de função puramente pragmática.
- A literatura tem como matéria-prima a palavra, isto é, a linguagem verbal.
- Na obra literária, como em toda arte, **forma e conteúdo** são categorias inseparáveis: uma produz constantemente a outra.
- A literatura é invenção, mas mantém uma relação viva e tensa com o mundo real.

ATIVIDADES

IMPORTANTE
As respostas
dos exercícios
devem ser
apresentadas
NO CADERNO

1. Observe atentamente o quadro de Marc Chagall, artista que nasceu na Rússia, em 1887, e morreu na França, em 1985. Na página seguinte, observe o quadro de René Magritte, que nasceu na Bélgica, em 1898, e morreu em 1967.

- a) Qual dos dois quadros distorce mais intensamente as formas da natureza? Justifique.



O aniversário, 1915.

Marc Chagall, 1915. O aniversário. Museu de Arte Moderna, Nova York. Foto: VU-8884 Konrad Bross/Photo Art Images/Globe Images